



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARIA DO CARMO GIÁCOMO

(depoimento)

2004

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-77

Entrevistado: Maria do Carmo Giácomo

Nascimento: Não Informado

Local da entrevista: Casa da entrevistada – Viamão/RS

Entrevistadores: Giovani Frizzo

Data da entrevista: 10/11/2004

Transcrição: Giovani Frizzo

Conferência Fidelidade: Ana Paula Ribeiro

Copidesque: Johanna Coelho von Mühlen/Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Giovani Frizzo

Fitas: (01 fita) 77/01-A

Total de gravação: 25 minutos

Páginas Digitadas: 10

Catálogo: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 01246/2005/01

Nº da fita: 01246/2005/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

GIÁCOMO, Maria do Carmo. *Maria Giácomo (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2005.

Sumário

Início do trabalho na ESEF, na década de 40; História da ESEF desde quando ela era uma Escola do Estado até ser federalizada: mudanças de sede, de funcionários, de professores; Mobilização dos funcionários na época da federalização; Dificuldade de verbas para compra de materiais; Perfis de professores, funcionários e alunos.

Viamão, 10 de setembro de 2004. Entrevista com Maria do Carmo Giácomo, a cargo do entrevistador Giovanni Frizzo para o Projeto ESEF 65 anos do Centro de Memória do Esporte.

G.F. - Queria, então, que a senhora contasse como é que foi a sua história dentro da ESEF¹. Quando a senhora entrou, como é que era...

M.G. - Eu entrei em 1946. O meu pai já era funcionário lá dentro [palavra inaudível]. A ESEF é de 1940, fins de 39, 1940 que é a data marcada. Eu entrei em 46, ela estava lá no campo do Cruzeiro, naquela época, era Esporte Clube Cruzeiro². Depois, nós viemos para ACM³, porque foi vendido aquilo lá para o cemitério. Foi um tempo meio desorganizado para nós. Tínhamos mais acomodações e, lá na ACM... Nós saímos do Estado nessa época. A ACM não fazia muita questão que a gente estivesse lá, o Estado disse que pagava, não sei! [risos] Mas, de vez em quando, saía uns desentendimentos, porque eles queriam que a gente saísse de lá. De lá, é que nós viemos para o Jardim Botânico⁴. Então, aí começa a história. O terreno foi doado pelo Ildo Meneghetti⁵, para ser construída a Escola. Quando eu fui para lá, foi logo que foi feito aquele primeiro pavilhão, onde tem a Secretaria, que tem dois pisos, aquela foi a primeira parte e, depois, o ginásio. Começou a ter aquele trabalho de jardinamento, aquela coisa toda ali. Nessa época, a gente ainda era do Estado por... Quer dizer, eles não mantinham, o Estado não mantinha a ESEF. A gente fazia uma “vaquinha” e comprava o pacote de papel.

G.F. - Entre os funcionários?

M.G. - É... o polígrafo... E vender para os alunos. Mas, era seriado, o aluno tinha mais contato com o estudante, era um ambiente bom [toca o telefone]. Se for a Cássia, pede para ela ligar mais tarde que eu estou ocupada⁶.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

¹ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Esporte Clube Cruzeiro de Porto Alegre, fundado em 1913.

³ Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

⁴ Bairro de Porto Alegre.

⁵ Então Governador do Rio Grande do Sul.

M.G. - E daí, nós fomos para lá, não tínhamos recursos nenhum, mas já havia uma luta para passarmos para Federal⁷. O que custou muito, foi muito difícil. Lá dentro, a gente passou muito trabalho, muita dificuldade de tudo. Porque se tu não tem uma verba que tu receba para te manter, não é fácil. E, o ensino era gratuito, não vinha nada do aluno para nós, passamos bastante trabalho, mas foi indo... Tinha muito pouco recurso ali... [palavra inaudível] Procedimento do aluno. Aí foi feito um tanque, logo que termina a parte de tela, que tem a escadaria, na época do professor Fredolino Taube⁸. Ele fez um tanque, era a piscina que a gente tinha, que o pessoal tinha ali. Aí, depois, é que foi criado o Centro Olímpico⁹, lá na ponta, melhorou a coisa, mas senão, era tudo muito precário. Mas, formava os alunos, eles entravam lá com o ginásio, oitava série e faziam dois anos mais e era considerado ensino superior, naquela época. E, tinha a normalista, que tirava o... Por exemplo [palavra inaudível], tiravam mais aí no interior, elas vinham e faziam um ano de curso normal. Então, aquelas meninas podiam trabalhar em escolas do Estado, era bom, dava um meio de trabalho para esse pessoal que terminava o ginásio. Eu sempre achei muito pouco o ensino do ginásio, para já considerar dois anos superior, sempre achei isso. Mas, a minha parte era administrativa, não tinha nada que ver com o assunto, só trabalhava. Eu tive chefias de divisão de material, com um decreto do Médici¹⁰, mas a gente já tinha o “bem-bom”, já ganhava o “bem-bom”. Passamos em 69 para Federal, com muito sacrifício. Aí, foi criado o quadro de funcionários, de professores, tudo. Foi montado tudo como deveria ser e foi sancionado em 69, dando o direito das regalias de Federal para nós. Foi bom, começou a melhorar e, aí eu ganhei o decreto do presidente para chefia do material didático. Então, eu tinha campo livre na UFRGS¹¹, sabe? Fazia aquelas compras que eles achavam: “Mas ela está louca!”. A gente não comprava uma vassoura. E, a primeira vez que o caminhão descarregou material lá: “Mas ela deve ter gasto todo o orçamento, não é possível tudo isso que ela comprou!”. Mas desde a bota para o pessoal que trabalhava no campo: a bota, o macacão, a japona, tudo aquilo eu consegui. Trabalhei bastante. Eu sei que fiz um bom trabalho lá dentro, tenho certeza.

⁶ A entrevistada fala com uma terceira pessoa, referente ao telefonema

⁷ Referindo-se ao processo de Federalização da Escola.

⁸ Fredolino Adalberto Ricardo Taube. Diretor da ESEF em 1970.

⁹ Refere-se ao Centro Natatório, local destinado às atividades aquáticas do Curso de Educação Física.

¹⁰ Emílio Garrastazu Médici, presidente do Brasil durante a ditadura.

¹¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

G.F. - A senhora participou ativamente dos movimentos pela federalização?

M.G. - Sim.

G.F. - Todos os funcionários?

M.G. - Porque era a nossa secretaria que trabalhava com isso, então, a gente... Esse processo não foi fácil, foi bem difícil... Sempre tem aquela história da política, por isso que nós passamos para Federal, porque não tinha no Rio Grande do Sul, aí era também a nossa vantagem, é a eterna política. E, o Meneghetti era da época, a gente tem certas oportunidades que a gente vê que a política é importante [palavra inaudível] Um ódio dessa política, é triste, não é? Mas a política influenciou muito. Nós tínhamos um corpo docente muito bom, os professores com mais idade, não era professores novos, era professor que desejava aquilo ali, porque professor novo não estava muito por dentro, mas os outros desejavam aquilo ali. Quem é que não desejava passar para Federal? Já estavam, não no fim da carreira, mas do meio para o fim. E aí, a gente começou a crescer em todos os pontos. Na parte de material, para todos. Tinha como atender o professor, tinha como atender o aluno, tinha como atender a necessidade da ESEF, ficou muito bom. Eu, por exemplo, pelo meu tempo de serviço, eu entrei e saí aposentada, eu acompanhei tudo aquilo. Eu gosto do crescimento, estou acostumada com essa vida de ver progredir. E agora eu estou na... Saí dali aposentada, ganhei a minha primeira neta no Mato Grosso do Norte¹². Ainda estava lá, na hora que chegou o telegrama, digo: “Agora, então, lá vai ser o meu fim com vocês”. Fui para o Mato Grosso, mas fiquei dois meses, eu tinha férias... Estava trabalhando de graça, já estava... “Agora vou parar com vocês, porque eu trabalhei um ano de graça”. E aí, eles voltaram para Porto Alegre¹³, a minha filha, e achei melhor deixar de trabalhar. Na época, o diretor era o Coronel Targa¹⁴, já falecido, que é o pai da Educação Física aqui no Sul. Ele foi na minha casa me buscar, ele tinha feito um congresso em Tramandaí¹⁵, tinha dado um rolo com o CONGEF¹⁶ e, ele foi lá em casa e disse:

¹² Referindo-se ao Estado do Mato Grosso

¹³ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

¹⁴ Jacintho Francisco Targa

¹⁵ Cidade do litoral do Estado do Rio Grande do Sul

¹⁶ Congresso Gaúcho de Educação Física

“Carmo, se tu não voltar, eu vou fechar a Escola!”. A APEF¹⁷ disse, porque nós estávamos ali na ESEF com a APEF. Mas deu tudo errado. A pessoa que foi com ele não desenvolveu o trabalho como deveria ser. Que tudo tem uma meta a seguir, não é? Tu não vai chegar lá e dizer: “Faz esse curso, toma o certificado”. Não é assim. Tem que ter um controle para fechar, mas como ele era o diretor da ESEF, eu trabalhava com ele assim, ia para lá e trabalhava. E, depois, eu fiquei na APEF total. Estou na APEF toda a vida. Então, eu tenho 54, 55 anos de APEF eu acho, imagina! É uma vida! Mas o ponto da Escola, muda um diretor, vem um, vai outro, mas a UFRGS, por exemplo, deu muita assistência para nós, porque nós éramos precários. Então, tanto na aquisição de material didático, do material diário, de atendimento do professor, do atendimento ao aluno, tudo isso foi muito bom. A gente aprendeu a viver com a UFRGS, a crescer com ela. Então, aquele primeiro ginásio foi feito ali, o chão baixou o piso, porque a umidade e tudo mais... Mas depois, eles vão reconstruindo, vão arrumando, tivemos um corpo de professores muito bom ali, que ajudou muito na administração da ESEF. Porque eu acho que tudo isso vale, o pessoal trabalhar junto, sabe? E, como o aluno era seriado, eles viviam muito mais com a gente. Agora não [palavra inaudível], mas eu estava lá quando passou para disciplinas. Aí, a gente fica afastada do aluno, porque ele vem, faz aquela aulinha dele por aqui. Antes não, eles vinham de manhã, alguns almoçavam, faziam mais um pouco de esporte. Era muito bom! Muito bom mesmo. Agora [palavra inaudível]... Mas o início da ESEF foi muito bom. Agora, nós passamos mais trabalho foi quando a gente ficou na ACM. Ali, eles não faziam questão da gente. Construíram para mim - que eu tinha essa sessão de polígrafos, para atendimento do professor e do aluno - um pavilhão assim, com as tábuas, que fica aquele dente. Chegava de manhã, tinha aquele... Tudo [palavra inaudível], aquela árvore, cada bicho, ficava lá, passando pela travessa, sabe?

G.F. - Isso na ACM lá?

M.G. - É, ali na ACM. Às vezes, tu abrias um pacote de... Que não tinha condições de fazer um arquivo, era tudo empacotado, não dava para comprar material. Então, a gente abria um pacote, estava um bicho lá, conseguia entrar, estava dentro do pacote. Foi bem precária aquela época. Mas se viveu! Nós iniciamos então em 1963 na casa nova, essa

¹⁷ Associação dos Profissionais de Educação Física.

atual. Começou assim, quem era o diretor? Era o doutor Ruy Gaspar Martins¹⁸, na época. Ele chegou de manhã lá na... Tinham começado a fazer um pouco de mudança, então ele levou, porque estava tudo amontoado lá na ACM. Ele começou a levar os livros da biblioteca. Então, ali onde - não sei se é ainda - lá dentro, do lado da secretaria, era a sala dos professores, ele começou a botar os livros tudo ali, no chão, por tudo que era canto. No outro dia, de manhã, ele chega na Escola e diz assim: “Carmem, vai embora lá para a Escola, e faz o que tu poderes”. Tinha estourado a caixa d’água que estava em cima daquela sala, tu não faz idéia... O homem entrou lá, os livros estavam tudo boiando, obras assim que jamais ia conseguir. Então, aquilo foi uma das primeiras fases que a gente teve de pavor ali.

G.F. - Isso logo na mudança?

M.G. - Porque ali é muito... Mudança sabe que é horrível. Eu acho horrível. Aí, fui para lá com outros e a gente tinha uma mesa grande preta, grandona, que era da Assembléia Legislativa, que a gente foi botando os livros ali. Então, os guris levavam e botavam ali no sol para secar um pouco, mas não podia deixar torrar, porque rebitava tudo, precisava ver o que foi isso! [risos] A biblioteca ficou muito estragada porque... Agora não, agora tem uma biblioteca super luxo, muito boa. E, nós não tínhamos ninguém para ser responsável por ela, era um pega aqui, outro agarra ali. Não tinha um funcionário à disposição, agora não... Há bastante tempo já tem mais organizado, é claro.

G.F. - Esses livros, que estavam boiando na água, devem estar lá no CEME¹⁹ agora!

M.G. - Pois é! Os livros... Eu sei que tem uma obra médica, uns livros grossos, um cinza-esverdeado, um esverdeado-cinzentos, sei lá! Horrível ficou aquilo. Eles sentiram muito, porque era uma coisa que não existia para comprar, já era antiga. Mas, olha, eu vou te dizer uma coisa, os problemas ensinam a gente a viver, sabe? Muito, muito. Na época, quando eu fui para a Escola, eu morava na Ramiro Barcelos²⁰, quando eu fui lá no campo do Cruzeiro, me perdi naqueles bondes. Na época que nós fomos para a ESEF ali, eu morava

¹⁸ Diretor da ESEF de 1959 até 1964.

¹⁹ Centro de Memória do Esporte

²⁰ Avenida de Porto Alegre.

na Dona Lúcia²¹, bem pertinho, descia ali e ia a pé. Então, a gente já vivia mais a vida da Escola, porque ali foi que nasceu o meu guri, que hoje mora aqui na frente, tem quarenta e dois anos. Ele, então, ficava com a empregada, e eu não tinha problema, o meu marido também participava, tudo a gente vivia a Escola. E, depois, essa senhora que está aqui hoje, que é minha amiga... Quando nós passamos para Federal, tinha o Souvarine Silva²², que era o secretário-geral e eu - porque muitos não quiseram ficar - digo “não, mas eu vou ficar, eu quero a ESEF, porque eu moro aqui, me interessa trabalhar na ESEF”. Aí, então, tinha que fazer uma pesquisa nos documentos antigos para ver a mais antiga, e terminou que era eu mesma a mais antiga da ESEF pelos documentos. Cada um de nós podíamos escolher, arrumar lugar para alguma pessoa amiga, quem a gente quisesse botar lá dentro, cada um arrumou o seu. Nós, a administração da secretaria, e eu arrumei essa moça, essa senhora. Ela bordava numa casa de judeus e ganhava muito mal. Era muito minha amiga, ela cuidou muito da minha filha, me ajudou a cuidar a minha filha, a gente era vizinha e arrumei para ela e não me arrependi. Primeiro eles achavam assim: “Ah, porque ela não faz amizade com ninguém, ela é quieta”. Ela vive a vida dela, ela não incomoda ninguém, mas é uma pessoa que trabalha, honesta. Ontem eu liguei para ela e disse: “Tu vem aqui porque eu vou ter uma entrevista da ESEF e tu vai participar” [risos].

G.F. - Vai mesmo!

M.G. - Ela trabalhou bastante, nos pavilhões, na sala dos professores, tudo aquilo. O que mais tu quer saber?

G.F. - As funções...

M.G. - Eu já falei demais, agora tu corta isso!

G.F. - Não, podes ir falando! Além dessas funções que tu disse que teve na administração, na [palavra inaudível] de materiais, que outras funções tu teve dentro da ESEF?

M.G. - Que eu era chefe [palavra inaudível].

²¹ Rua de Porto Alegre.

²² Funcionário aposentado da ESEF.

G.F. - Isso! Além disso...

M.G. - Sim, além de trabalhar dentro da Escola, eu tinha a chefia do material. Eu não sei te dizer as datas direito. Isso não precisa, não é? Mas era muito bom aquilo, porque era muito organizada. [Pode deixar aí!]²³ Eu vou te contar uma verdade, um dia, eu já estava em casa, ou estava de férias, não sei, e tinha o professor de judô, parece que já é falecido. Estava a presidência da formatura com ele, e aí ele chegou, foi na minha casa e disse: “Dona Carmem, eu preciso de ajuda! Como é que eu vou falar com fulano, como é que eu vou falar com ciclano, como é que eu faço isso, como é que eu faço aquilo?”. Ele nem sabia bem os nomes todos, das pessoas, e ele tinha uma orientação clara, pois ele era professor, mas ele precisava mais dados. Então, ele foi lá em casa, aí eu fui lá para ajudá-lo a fazer esse trabalho. Depois, quando foi na formatura - porque até “smoking” eu comprei para o secretário se apresentar - eles foram lá em casa. “Estamos perdidos de novo!”. “Mas o que houve?”. “Aonde é que está o smoking?”. “Aonde é que está a camisa?”. Aí eu fui. “Me leva lá!”. Fui lá, entrei no almoxarifado e disse assim - porque eu trazia as coisas muito empacotadas, mas eu sabia o que tinha dentro, eu tinha tudo muito arrumado: “Aquela caixa lá em cima”. Não, já estava tudo apavorado, ninguém achava nada. Digo: “Pega aquela caixa lá em cima, agora pega aquela outra”. Estava o “smoking” bem limpo, bem bonito, bem arrumado numa caixa grande, a camisa, estava tudo pronto, era só enfiar no secretário para ele se apresentar. Quer dizer, essas coisas, só mesmo mulher que cuida. É, fora de brincadeira. E, eles diziam assim: “Tu vai lá na Dona Carmem pedir, mas se ela achar...”. Era só eles chegarem e pedirem, que eu sabia, claro, pois eu vivia aquilo ali. Aí, uma vez, eu cheguei lá e me parei na frente do balcão, do lado de fora do almoxarifado, e eu disse: “Que horror!”. Pensaram que eu enlouqueci. “Tiraram bolas daqui!”. “Ah não, está inventando moda”. “Tiraram bolas daqui!”. Sabe que aí, foram fazer um levantamento, tinham tirado as bolas de pólo aquático, que não se usava - que já tinha terminado, estava extinto - para jogar futebol, não conheciam e aí, houve até inquérito administrativo. Foram uns guardas que pegaram aquelas bolas ali, que estavam todas ensacadas, todas cuidadas. Não usavam, mas amanhã, ou depois, poderiam usar. E, tu não podes pegar o material e pôr fora, tem que descarregar a coisa. “Mas como é que tu viu?”. Mas claro, então, eu não sei como é que eu organizo as coisas? Pois tiraram mesmo, sabe? E, o secretário ficou com o olho deste tamanho, porque era amigo dos guardas e tudo. Eu não ia muito com a cara

deles e nem eles com a minha, porque eu mandava no meu pedaço e, ele queria mandar em mim, mas não mandava não. Eu sempre tive um cabelinho mais cumprido, filha do meu pai. Mas foram ver, tinham tirado mesmo. Foi a primeira vez que eu participei de um inquérito na UFRGS, mas eu tinha os meus direitos. Claro, foi desviado, foi gente lá de dentro. Mas tem mais coisas, o que mais tu queria saber?

G.F. - Durante o período da ditadura, houve influência militar dentro da ESEF? Eles, os militares, eram diretores normalmente?

M.G. - De militares, que eu peguei mesmo, foi o Coronel Targa, mas era Brigada. Não peguei mais ninguém militar, porque os primeiros, que foi o falecido... O sobrenome dele era Teixeira²⁴, foi um dos primeiros diretores da ESEF, que era militar, mas não teve muito... O que nós tínhamos muito era o aluno militar, isso nós tínhamos, mas não tinha problema. Não tinha política lá dentro, aí é que está.

G.F. - Durante todo o período que tu esteve na ESEF?

M.G. - Não tinha política! Não tinha, porque as pessoas cada uma tem a sua opinião e pronto! Mas não tinha, dizer um comitezinho aqui, um outro cantinho ali, não tinha nada disso. O pessoal se entendia melhor, era mais compreensivo também, sabe? E, eu acho que nem o acadêmico lutava tanto por isso, agora é que eles lutam mais pela política, mas, naquela época, não lutavam. Vinha muita gente do interior também tirar o curso, na época do professor Fredolino, nós tivemos aquele curso que as pessoas vem e fazem uma parte, como é que a gente diz? Como é que é meu Deus do céu? Era um curso que era dado à tarde, que eles vinham, pessoas do interior, se especializavam ali... É PREMEM²⁵. Então, na época do PREMEM, tinha alguns assim, meio insubordinados, meio mal intencionados e que a gente tinha que cuidar muito o material. Aí, um dia, eu cheguei e disse: “Está faltando o projetor de slides!”. Era pequenininho, nós só tínhamos um. “Ah, mas quem é que pegou?”. “Professor Fulano”. Era um aluno. Ele negou na minha frente que tinha pego, mas, depois, foi descoberto, foi feito sindicância na polícia. Ele desceu as escadas, o guarda não viu, com o aparelho lá de cima e levou embora para a rua e vendeu. Dizem que

²³ A entrevistada falando com uma terceira pessoa

²⁴ Jaguaré Teixeira, diretor da ESEF de 1944 até 1945.

ele era acostumado a fazer isso. Então, tu tinhas que cuidar muito essa parte assim, porque tu tens uma responsabilidade sob o material. Se tu és chefe do departamento, tem que ter responsabilidade por aquilo. Precisa ver! Tem um caso que aconteceu: entrou um professor bem alto, bem bonito o rapaz e eu não estava na sala, ele chegou e pediu para o auxiliar ali tal material. Só com a ordem da Dona Carmem. E, tinha que assinar e tudo mais. Ele foi e, chegou lá na secretaria, e me disse assim: “O que a senhora é aqui, que o Paulinho não quis me dar o material sem a senhora autorizar?”. “Sou chefe do material didático!”. Este homem ficou tão brabo, tão brabo, tão brabo. E daí, eu não emprestei o material, porque não era para usarem assim, sabe? Tinha que usar as coisas mais velhas, eles queriam bola nova. Tu tinhas que controlar muito, porque mesmo que tu fosses federal, tu tinhas muita coisa para comprar. Então, tu não podias estar largando uma bola nova para ir bater ali adiante. Não, tinhas que dar o material usado. E, isso ele não gostou. E, depois, aqui no centro, na José do Patrocínio²⁶, ele pegou um lugar, não diretoria, mas para representar um grupo e, ele foi e disse para mim assim: “Eu sei que a senhora não gosta de mim”. Entre eu gostar ou não gostar, o teu trabalho é outro. Mas, se a gente não se impõe, eles vem e levam tudo, e depois, eles deixam atirado no campo. E tu tens responsabilidade no que tu entregas também, mesmo consertar. Tu mandas, por exemplo, quando chega, tu tens que estar com a relação bem certa, para que voltes também aquela relação em dia. Quer dizer, não é só ir lá e assinar o ponto e receber no fim do mês. A não ser que tu trabalhes por esporte, mas quem trabalha porque gosta, é bem diferente. E, eu acho que assim, se alguém te deu o meu telefone, ou te deu alguma dica sobre a minha pessoa, eu acho que é mais ou menos o que eles disseram, é o que tu estás sentindo, no caso. Sempre fui muito responsável por aquilo lá, trabalhei bastante tempo porque gostei. Entrei e saí aposentada.

G.F. - A ESEF acaba sendo uma extensão da nossa casa?

M.G. - É! Pois é, porque tu vives a vida ali. Então, quando começou o mestrado que os professores faziam, tão lindo. Vinham defender uma tese ali, na frente da gente, como foi o caso do Camargo²⁷, defendeu a tese ali. Mais professores defenderam a tese ali e tinha... Era um professor português, espanhol, que vinha... Então, aquele senhor era tratado assim, na palma da mão, porque ele atendia a todos, e ele tinha aqueles e ele indicava quem é que

²⁵ Cursos de extensão oferecidos a professores.

²⁶ Avenida de Porto Alegre.

podia te auxiliar e tudo, muito bom. Foi um momento muito bom e a gente começou a viver um pouco mais essa história deles pegarem um mestrado, eles pegarem e crescerem como cresceram, defender uma tese, acho lindo isso. A gente viveu essa parte muito bem, eu gostei! Eu estava lá dentro. Eu sou muito do Camargo, não sei se tu conheces?

G.F. - Conheço, tive aula com ele.

M.G. - Trabalhei com o Camargo na pós-graduação também, de noite. Sempre ele diz que eu sou mãe dele, me dou muito bem com ele. Ele agora é diretor da minha neta aqui da frente, ela está fazendo Educação Física lá na PUC²⁸, então, ele é diretor dela. Eu disse assim: “Me trocou, não é?” [risos]. “E olha que troquei por duas, uma de quinze e uma de vinte!”. Quer dizer, a mãe e filha. A mãe, porque sempre acompanha a filha. Depois ele deixou a velha de lado. Mas é bom, eu tenho muita amizade com eles.

G.F. - Bom, eu quero lhe agradecer pelo teu relato. Vai ser bastante importante para a nossa pesquisa.

M.G. - Gostou?

G.F. - Sim.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

²⁷ Francisco Camargo Netto.

²⁸ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.